

A LEITURA COMO FRUIÇÃO DO TEXTO NO ÂMBITO ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE LEITORES

Carlos Mauricio da Cruz (UERJ)
cruzcm@uol.com.br

É preciso ler, é preciso ler...

E se, em vez de exigir a leitura, o professor decidisse de repente partilhar sua própria felicidade de ler?

(Daniel Pennac)

1. Introdução

Dentro e fora do mundo acadêmico, tornou-se consenso acreditar na importância da leitura na vida de cada um de nós, bem como assumir a necessidade de se cultivar o hábito de leitura entre crianças e jovens. Também existe certa unanimidade em torno da ideia de que a escola tem papel fundamental na formação de leitores competentes e por gosto.

Nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental, principalmente, boa parte do esforço e do tempo empregados por professores e alunos se divide entre o estudo da gramática – especificamente da análise sintática –, da produção de textos e da leitura.

E é justamente a prática da leitura em sala de aula que leva o professor, de modo geral, a se fazer diversos questionamentos, envolvendo desde a finalidade da decodificação de textos até a preocupação em como formar leitores, ou seja, como fazer de seus alunos não só leitores proficientes, mas também apreciadores da literatura e de obras referenciais.

Sendo a leitura uma atividade tão variada e de inúmeras possibilidades em sala de aula, o presente trabalho se propõe a se debruçar sobre o artigo “Prática da leitura na escola”, de João Wanderley Geraldi, para ratificar que não é toda e qualquer atividade de leitura no âmbito da escola que, necessariamente, leva à formação de um público leitor. Veremos que, entre tantas práticas de leitura escolar, aquela que objetiva a fruição do texto é a que mais contribui para o desenvolvimento e consolidação do gosto pela leitura.

2. *A leitura e o ensino de língua portuguesa*

Mesmo em trabalhos anteriores, Geraldi (2001) defende que o ensino de língua portuguesa deve centrar-se em três práticas: a leitura de textos, a produção de textos e a análise linguística. Prossegue Geraldi (2001, p. 88):

Essas práticas, integradas, no processo de ensino-aprendizagem têm dois objetivos interligados:

- a) tentar ultrapassar, apesar dos limites da escola, a artificialidade que se instituiu na sala de aula quanto ao uso da linguagem;
- b) possibilitar, pelo uso não artificial da linguagem, o domínio efetivo da língua padrão em suas modalidades oral e escrita.

A prática escolar, entretanto, destina a maior parte de seu tempo e esforço de professores e alunos ao aprendizado da metalinguagem de análise da língua, sem garantir, necessariamente, o domínio das habilidades de uso dessa mesma língua em situações concretas de interação, compreendendo e produzindo enunciados adequados aos diversos contextos.

Quanto à artificialidade que marca as atividades linguísticas em sala de aula, continua Geraldi (2001, p. 91):

- Na escola não se escrevem textos, produzem-se redações. E estas nada mais são do que a simulação do uso da língua escrita.
- Na escola não se leem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos. E isso nada mais é do que simular leituras.
- Por fim, na escola não se faz análise linguística, aplicam-se a dados análises preexistentes. E isso é simular a prática científica da análise linguística.

A leitura, portanto, dentro de uma prática corrente, estaria muito distante do conceito defendido por Lajolo (1982, p. 59), citada por Geraldi:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Resgatar a interlocução leitor/autor por intermédio do texto requer um leitor não passivo, mas agente que busca significações, tornando-se não só leitor efetivo, mas também, afetivo.

Para analisar como se dá essa interlocução nas práticas de leitura propostas no espaço escolar, e até que ponto as mesmas contribuem para a formação do aluno leitor, passemos à segunda parte desse trabalho.

3. *As práticas de leitura extraclasse e em sala de aula*

3.1. A prática de leitura extraclasse

Como afirmado anteriormente, além da análise linguística e da produção de texto, as aulas de língua portuguesa também se dedicam a atividades de leitura de textos, em sala de aula ou em casa, as chamadas leituras extraclasse.

Ao propor esse último tipo de leitura, frequentemente o trabalho docente se afasta de um de seus objetivos – a formação de leitores – caso se limite ao burocrático preenchimento de fichas de leitura que somente contemplam a verificação de nome de autor, ilustrador, editora, alguns poucos elementos da narrativa e demais itens comuns a diversos tipos textuais. Com o tempo, o aluno percebe que a leitura é o que menos importa, bem como é irrelevante a conexão que ele venha a fazer entre o livro lido e o mundo vivido. A ficha de leitura, com suas lacunas a serem preenchidas, passa a ser o alvo de sua atenção e esforço.

Ademais, na maior parte das vezes, leituras extraclasse, reproduzindo o modo capitalista de organização de nossa sociedade, valem por aquilo que conseguem medir da atividade do aluno, resumem-se à prova sobre o livro que, em suma, será traduzida por um grau, uma nota e os livros passam a ser verdadeiros fardos, afastando-se, portanto, de qualquer noção de prazer ou aproveitamento de diálogo entre o texto e o mundo real.

Há ainda que se considerar que, eventualmente, a leitura extraclasse surge na rotina escolar como atividade de recuperação, ou seja, como estratégia para se recuperar o baixo rendimento em alguma(s) outra(s) atividade(s) anteriormente proposta(s). O risco que se corre nessas circunstâncias é o de o aluno associar a leitura a algum tipo de castigo ou compensação, o que, definitivamente, só contribuiria para afastá-lo da ideia de prazer de leitura.

3.2. As práticas de leitura em sala de aula

Leitura e prazer, em sala de aula, não costumam ser conceitos contíguos. Geraldi (2001), no citado artigo, longe de querer estabelecer ou esgotar uma tipologia de vivências de leitura em aulas de língua portuguesa, destaca pelo menos quatro experiências concretas no âmbito escolar: a leitura como busca de informações, a leitura como estudo do texto, a leitura como pretexto e, finalmente, a leitura como fruição do texto.

A seguir, analisaremos cada uma dessas vivências de leitura em seu maior ou menor grau de artificialidade e na forma como se dá a interlocução autor-texto-leitor e destacaremos a leitura como fruição como a estratégia mais eficiente para a formação de alunos leitores.

3.2.1. A leitura – busca de informações

O fundamento básico dessa postura diante do texto é o de se extrair dele uma ou mais informações. Não há como negar que tal prática é bastante frequente nos livros didáticos tradicionais, onde inúmeros textos são apresentados para que se responda a inúmeras outras questões. O que ocorre de fato, entretanto, é que esse tipo de leitura de texto esbarra em certa artificialidade, pois o aluno descobre, de imediato, que simplesmente lê o texto para responder às questões formuladas a título de interpretação, numa espécie de simulação de leitura. A leitura, nesses termos, passa a ser meramente decifração, uma espécie de jogo de adivinhação. Nesse sentido, leituras realizadas em outras disciplinas do currículo (história, geografia, ciências etc.) são menos artificiais do que as realizadas nas aulas de língua portuguesa, posto que fica um pouco mais claro para o aluno o “para quê” extrair determinadas informações do texto.

Entretanto, a leitura busca de informações tem seu valor ao procurar fixar conceitos relevantes da vivência cotidiana quando voltada para textos de jornais ou mesmos livros científicos. No chamado texto literário, vale propor extrair dele informações a propósito do ambiente da época e da forma como as pessoas, via personagens, encaravam a vida, por exemplo. Tal estratégia dá fundamento à busca de informações em um texto, o que pode ocorrer não só na superfície textual, mas também em um nível mais profundo.

3.2.2. A leitura – estudo do texto

É necessário, mais uma vez, salientar que esse tipo de leitura é mais praticado em aulas de outras disciplinas do que nas aulas de língua portuguesa, as quais, em princípio, deveriam desenvolver as mais variadas formas de interlocução leitor/texto/autor. É que nessa estratégia de leitura buscam-se teses, argumentos, contra-argumentos e verifica-se a coerência entre tese e argumentos – movimentos procurados, principalmente, em textos históricos e/ou científicos, revelando uma postura mais metalinguística diante do texto.

Esse tipo de abordagem textual, todavia, não é privado do texto dissertativo, uma vez que narrativas, por exemplo, podem ser estudadas ao se verificarem pontos de vista defendidos por diferentes personagens. Desse modo, o texto literário também se mostra produtivo com esse tipo de abordagem, ainda que não favoreça, direta e necessariamente, o desenvolvimento do gosto pela leitura.

3.2.3. A leitura do texto – pretexto

Transformar um poema em jogral, dramatizar uma narrativa, produzir um texto a partir de outro são apenas um dos inúmeros pretextos para se ler em sala de aula. Os bons manuais de criatividade e oficinas de redação estão repletos de sugestões para serem reproduzidas, revelando inúmeras possibilidades de interlocução com o texto literário ou técnico.

Tal interlocução elimina enormemente o artificialismo da atividade de leitura, posto que o pretexto é a própria razão para o ato de ler, levando a outra atividade pertinente.

Dramatizações, ilustrações, adaptações podem retirar alguns textos de seus pedestais sagrados e frutificar em sala de aula.

3.2.4. A leitura – fruição do texto

O que define esse tipo de relação com o texto e o distingue dos demais é o “desinteresse” pelo controle do resultado da leitura, trazendo para a sala de aula o que jamais deveria estar ausente dela: o prazer de ler um texto, o prazer da leitura como experiência estética, artística, pessoal ou coletiva.

À primeira vista, essa seria uma forma de leitura exclusiva do texto literário, entretanto, não podemos nos esquecer de que se lê jornal, por exemplo, com o simples desejo de se manter informado, indo além da mera busca de informação. A propósito, a informação disponível, como o conhecimento, frequentemente gera outras vantagens, inclusive sociais.

Também é verdade que, no sistema capitalista, uma atividade vale pelo produto que rende. A escola, fazendo parte de tal sistema e preparando para ele, reproduz sua ideologia ao eliminar de seu programa qualquer atividade cujo resultado não possa ser avaliado, medido quantitativamente, daí que ler por prazer pode parecer literalmente gratuito e, portanto, fora do esperado pelo contexto escolar.

Todavia, recuperar na escola a capacidade de se encantar com os textos é trazer para dentro dela aquilo que por princípio parece ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de incentivo à leitura. Não é difícil de concluir que o aluno volta ao texto e ao universo da leitura se a mesma é capaz de resultar em sensação prazerosa.

Para que o aluno se encante pela leitura, contudo, é necessário que o próprio professor seja leitor e mostre entusiasmo pela fruição do texto. Não se está aqui fazendo uma crítica gratuita ao trabalho docente, uma vez que é sabida a falta de tempo e até mesmo de dinheiro para a dedicação de professores à leitura, mas é inegável que o aluno apreende do mestre o gosto com que o mesmo comenta e sugere leituras, o entusiasmo com que se refere à atividade leitora como possibilidade de lazer, fruição.

Vale acrescentar que os Parâmetros Curriculares Nacionais, documento oficial que norteia orientações teóricas e metodológicas para o ensino de língua portuguesa, preveem o fruir estético do texto como estratégia para a formação de leitores, como bem atesta Freitas (2008, p. 65):

Os PCN insistem também na incorporação do texto literário às atividades de sala de aula, mas compreendendo a literatura em sua especificidade, levando o aluno ao fruir estético, à formação do gosto e não a usando de uma forma escolarizada para fazer provas, construir um sentido único, preencher fichas ou como pretexto para o estudo da gramática. Enfim os PCN insistem que a formação do leitor e escritor só será possível na medida em que o próprio professor se apresentar para o aluno como alguém que vive a experiência da leitura e da escrita.

Também sabemos que quase todo leitor não começou sua trajetória pelos clássicos, portanto, a oferta que a escola faz de títulos deveria

contemplar dos cânones – a reconhecida alta literatura – aos textos menos eruditos e mesmo contemporâneos.

Outro ponto a se considerar seria a necessidade de se trabalhar os diversos gêneros textuais em sala de aula, da notícia de jornal ao poema, passando pela propaganda, os quadrinhos e tantos outros gêneros que chamam a atenção do cidadão comum, aluno ou não, e fazem parte de seu dia a dia, eliminando, mais uma vez, a artificialidade que tantas vezes acomete as atividades de leitura no ambiente escolar.

Para Porto (2009, p. 25),

O professor deve expor o aluno à diversidade de gêneros, alargando a sua visão em relação ao uso da língua, ou seja, deixar de ver a língua como uma coisa uniforme, que pode ser apenas ‘certa’ ou ‘errada’. É importante que o aluno seja levado a perceber a multiplicidade de usos e funções a que a língua se presta, na variedade de situações em que acontece, buscando, na comunidade local e na escola, motivos e oportunidades de leitura.

Por fim, a presença da leitura afetiva que o professor faz em sala de aula, carregando tais livros para o interior da sala de aula, refaz o circuito que tantas vezes o bom livro segue na vida real. Provavelmente o livro que estamos lendo hoje é aquele indicado por um amigo ou o título que foi resenhado e pareceu preencher nossas expectativas de leitor. Acrescenta Yunes (2009, p. 76):

O exercício de ouvir histórias por intermédio de contadores funciona como forma de seduzir e predispor para o interesse de (aprender a) ler tanto uns, quanto outros. Todos nós conhecemos como é fascinante ouvir boas histórias, bem contadas: daí para buscar a autonomia de leitura não é muito longe.

Portanto, o livro carregado debaixo do braço do professor para o interior da sala de aula e lido por ele pode despertar mais curiosidade, desejo e gosto pela leitura que muitos minutos de convencimentos que deixam de lado a questão crucial tratado nesse artigo: o prazer de ler, a leitura por fruição do texto.

4. Considerações finais

Não se quer aqui condenar determinadas práticas tradicionais de leitura em sala de aula, até porque é sabido que a construção de conhecimento não se dá necessariamente pelo abandono e substituição de teorias e práticas, mas, eventualmente, pela contribuição entre elas. Entretanto, sem perder de vista o propósito da formação de leitores, é imperio-

so trazer a fruição da leitura como estratégia básica quando se deseja que o aluno seja um efetivo leitor afetivo.

As práticas de leitura aqui tratadas não se excluem no trabalho em sala de aula, uma vez que não é impossível experimentar prazer na leitura de um texto ao mesmo tempo em que se buscam nele informações relevantes. Ou não se pode descartar a fruição do texto ao usá-lo como pretexto para uma dramatização ou produção de um novo texto.

O que se quer ressaltar é que não é toda e qualquer prática de leitura feita no âmbito escolar que, necessariamente, tem o efeito de formar alunos leitores. É necessário para isso que o professor veja com clareza os objetivos que quer alcançar ao propor a leitura em sala de aula ou fora dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Descobrimo novas formas de leitura e escrita. In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN*. Campinas: Mercado das Letras, 2008, p. 41-66.

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura na escola. In: _____. (Org.). *O texto em sala de aula*. São Paulo: Ática, 2001, p. 88-103.

PORTO, Márcia. *Um diálogo entre os gêneros textuais*. Curitiba: Aymará, 2009.

YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymará, 2009.